



Arquivo

Penna defende um redutor

Após “aperto” a Argentina poderá ceder

HUGO MARTINEZ
Nosso correspondente

BUENOS AIRES — Os banqueiros argentinos estão otimistas quanto a um acordo entre o governo e o Fundo Monetário Internacional (FMI), depois que o comitê de bancos credores recusou terça-feira o pedido de prorrogação do prazo para pagamento de um empréstimo de 125 milhões de dólares. Segundo fontes bancárias de Buenos Aires, a severa estratégia dos credores, exigindo que a Argentina fizesse o pagamento com recursos depositados na junta da Reserva Federal dos Estados Unidos, “terá o efeito dos medicamentos drásticos: se o enfermo supera o choque, existem boas possibilidades de cura”.

Os banqueiros argentinos acreditam que está próximo um acordo com o FMI, principalmente porque o país não tem reservas suficientes de divisas para enfrentar as dívidas de 1,65 bilhão de dólares que vencem no mês de setembro. Eles destacam que os US\$ 125 milhões pagos esta semana aos credores representam muito pouco perto dos débitos a vencer em setembro e também da dívida global argentina, superior a US\$ 43 bilhões.

O comitê de bancos credores, depois de negar a prorrogação, mandou um diplomático telex a Buenos Aires afirmando que “seguirá apoiando a Argentina” nas negociações com o FMI. Esse telex, na interpretação de um analista argentino, representou “o clássico copo de suco de laranja depois do purgante”, para evitar manifestações agressivas de patriotismo por parte da Argentina.

Alguns banqueiros argentinos concordaram com a afirmação do *Wall Street Journal*, de Nova York, de que a negativa na prorrogação do empréstimo significa “que a confiança dos credores está deteriorada”. Entretanto, Lorenzo Sigaut, ex-ministro da Economia durante o governo do general Roberto Viola, comentou que o presidente Raul Alfonsín vem procedendo “com grande habilidade”. Segundo Sigaut, Alfonsín decidiu enfrentar, simultaneamente, os problemas da dívida externa e da redução de gastos, promovendo ajustes internos, que deverão conduzir a um acordo com o FMI.